

LETRAMENTO DIGITAL: ENCONTROS E DESENCONTROS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES¹

DIGITAL LITERACY: MATCHES AND MISMATCHES ON TEACHERS' FORMATION

Nádia Nara de Godoy Pezenti²
Renato Adriano Pezenti³

Resumo:

A revolução tecnológica ocorrida do século XX para o século XXI e a inserção do computador em nosso meio gerou importantes modificações na rotina de diversas áreas educacionais, impactando gestores, professores e alunos. Com isso, a falta de espaço para o debate nas discussões diárias também é identificada e, por vezes o seu uso é apresentado de forma ineficiente. Assim, este artigo aborda uma breve discussão sobre as definições do termo letramento digital definidas por Magda Soares e Angela Kleiman com o objetivo de ampliar a discussão sobre a formação de professores, incentivando reflexões que sensibilizem o leitor sobre a importância das tecnologias no processo formativo. Destacamos a importância do debate, especialmente voltado para questões emergenciais quanto ao uso consciente das tecnologias em contextos educacionais que promova resultados satisfatórios de aprendizagem. Frente aos desafios impostos pelos impactos da COVID-19 ensejamos que este movimento se torne ainda mais urgente em busca de uma resignificação dos modelos tradicionais da formação de professores envolvidos, cada vez mais, em tecnologias.

Palavras-chave: Revolução tecnológica. Letramento digital. Formação de Professores.

Abstract:

The technological revolution which occurred from the 20th to the 21st century and the insertion of computer into our environment has caused significant changes on the routine of several educational areas impacting school managers, teachers and students. Hence, the lack of space for the debate in every day discussions is also identified and, at times, its use is presented inefficiently. Thus, this article deals with a brief discussion on the definitions for the term digital literacy defined by Magda Soares and Angela Kleinman with the aim of expanding the discussion about teachers' formation, encouraging reflections which raise the reader's awareness on the importance of technologies in the formative process. We stress the importance of the debate specially on emergency matters regarding the conscious use of technologies in educational contexts promoting satisfactory learning outcomes. In the face of the challenges imposed by COVID-19, we hope this movement becomes even more urgent searching for a resignification in traditional models of the formation of teachers increasingly involved with technologies.

Key words: Technological Revolution, Digital Literacy, Teachers' Formation.

¹ Trabalho desenvolvido com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

² Mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco (USF) – Campus de Itatiba/SP. E-mail: nadia.godoy@mail.usf.edu.br

³ Mestrando em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco (USF) – Campus de Itatiba/SP. E-mail: renato.pezenti@usf.edu.br



1. Introdução

A passagem para o século XXI foi marcada por transformações significativas, principalmente nas questões que envolvem as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Podemos encontrar, nesse período, o surgimento do primeiro computador⁴, o Eniac⁵, em meados dos anos de 1940 (LÉVY, 1996) que, desde então, promoveu avanços significativos em diversos ambientes de trabalho.

A partir de então, presenciemos várias mudanças que influenciaram o aprimoramento dos computadores, tanto no que tange seu tamanho e capacidade de processamento, quanto no que se refere à sua portabilidade, o que vem favorecendo cada vez mais a comunicação a partir de pequenos dispositivos móveis como os *smartphones* e os *tablets*.

No entanto, não foi só a inserção e o aprimoramento das ferramentas tecnológicas que mudou, o nosso comportamento diante de tantas alterações também sofreu impactos que transformaram a nossa forma de agir, de nos comunicar e vem exigindo cada vez mais diferentes posicionamentos, sobretudo, na área educacional.

Soares (2002), em certo sentido, já corroborava com o intuito deste artigo quando levantava hipóteses pontuais, agora muito mais pertinentes, de que as mudanças causadas pelos hipertextos⁶ tenham consequências sociais, cognitivas e discursivas, denominado **letramento digital**, que configura-se como “um certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital (SOARES, 2002, p. 151 – grifos do autor).

A questão levantada pela autora também é destacada por Libâneo (2006, p. 31), quando afirma que “as novas tecnologias da comunicação e da informação estão provocando, portanto, uma reviravolta nos modos mais convencionais de educar e ensinar”. Isto inevitavelmente força os diversos atores educacionais a, sendo coerentes com aquilo que se propõem a fazer, trazer as práticas e usos das TICs ao coração de suas práticas educacionais. A este propósito, Bueno e Gomes (2011), observarão que ao utilizar as TICs na Educação, o professor precisará avaliar os ganhos para o aluno ao mesmo tempo em que deverá verificar se elas efetivamente servem como instrumento facilitador de aprendizado.

Expandindo a discussão sobre a importância das tecnologias, ensejamos que o leitor amplie esta dimensão para além dos processos educacionais, visto que, a falta de letramento digital o qual permite o manuseio qualificado das TICs, tanto pode mobilizar o interesse e consequente êxito no uso das mesmas, quanto pode desmotivar levando ao fracasso na busca de soluções.

Para isso, trazemos nas seções seguintes pontuações sobre as **Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs)**, conceitos sobre **Letramento Digital e Formação de Professores e o Letramento Digital**. Por fim, nas considerações finais, levantamos algumas incitações acerca deste tema e nossas sugestões para pesquisas futuras.

⁴ “É uma montagem particular de unidades de processamento, de transmissão, de memória e de interfaces para entrada e saída de informações” (Lévy, 1999, p. 44) .

⁵ Primeiro computador e pesava várias toneladas. Ocupava um andar inteiro em um grande prédio (LÉVY, 1993).

⁶ É um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor (LÉVY, 1999, p. 56).

1.1. Tecnologias da Informação e Comunicação

Nesta seção conceituamos brevemente ao leitor o que sejam as Tecnologias da Informação e Comunicação, no entanto, pontuamos que a finalidade da mesma não é esgotar o tema, mas, sim, abordar, *en passant*, seu desenvolvimento e a sua utilização como instrumento nas relações de ensino-aprendizagem.

Sobre o uso das tecnologias, como afirma Xavier,

a escola não deve esquecer que precisa se atualizar constantemente, pois concorre, de certa forma, com outras instituições sociais, como a mídia e a indústria do entretenimento, para a conquista da atenção dos sujeitos, principalmente crianças e adolescentes ainda em fase de formação. Trata-se de as escolas disponibilizarem para seus professores e alunos condições tecnológicas razoáveis que viabilizem certas ações pedagógicas e façam engrenar modos de aprendizagem mais contextualizados com o momento histórico dos alunos. Caso contrário, a escola poderá cair na obsolescência e perderá a concorrência para outras instituições, distanciando-se, assim, de sua função social primordial que é fazer aprender (XAVIER, 2011, p. 5).

O que presenciamos nos últimos anos com a incorporação das novas tecnologias foi a criação de um ambiente propício para o aprimoramento e o surgimento de novas tecnologias. Na definição de Mill (2009) é preciso considerar, nos últimos anos, que o discurso tecnológico abarcado no capitalismo, inseriu o uso das tecnologias digitais relativamente como “obrigatórias”. Na concepção de Knobel e Lankshear (2002, *apud* LIMA; GRANDE, 2013, p. 42) “as maneiras de ler e escrever hoje são acompanhadas de novas formas de ver e entender o mundo, de novas práticas de letramento exercidas no ciberespaço e por ele possibilitadas” mesmo apesar de a educação ter sido uma das últimas áreas a incorporarem as tecnologias (MILL, 2009) necessitando assim de aprimoramento, alterações e revisões quanto as práticas.

No que se refere às TICS, é do entendimento de Bueno e Gomes que

não podemos enxergar as TICs de forma mecânica, como se fossem algo ruim ou a solução de todos os males, mas que devemos buscar a compreensão de suas contribuições frente aos seus limites e possibilidades numa realidade marcada pelos antagonismos de classe (BUENO; GOMES, 2011, p. 59).

Neste sentido, Mill (2009, p. 35) destaca que “hoje, a sociedade tem como característica principal a intensificação do uso ou a supervalorização da informação”. A afirmação do autor nos remete a compreensão de atitudes passíveis, que nos restringe a recebê-la somente como um comunicado, e que por vezes, não exige do receptor esforço em pesquisar ou comprovar aquilo que é transmitido.

Concordamos com Bueno e Gomes quando afirmam que

vale ressaltarmos que as TICs que possibilitam o acesso à informação e aos canais de comunicação não são por si mesmas educativas, pois, para isso, dependem de uma proposta pedagógica que as utilize enquanto mediação para uma determinada prática educativa (BUENO; GOMES, 2011, p. 63).

Diante disto, entendemos que as tecnologias abrem novas possibilidades propiciando ambiente favorável nas formas de se relacionar, e, especialmente no caso da docência, coloca-se de forma urgente e emergente, fazendo dela um instrumento de auxílio, de ampliação para novas oportunidades, para novos saberes e sobretudo, para ampliação do conhecimento.



1.2. Letramento Digital

Na concepção de Kleiman (1995, p. 17 – grifos da autora) “o próprio termo ‘letramento’ não está ainda dicionarizado”, em sua concepção o conceito de letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos numa tentativa de separar os estudos sobre o impacto social da escrita dos estudos de alfabetização. A autora ainda afirma que os estudos sobre letramento acompanham a expansão dos usos da escrita desde o século XVI e o considera como sendo “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 1995, p. 19).

Contudo, o termo letramento, já de acordo com Soares (2002, p. 144), não obstante tenha sido utilizado primeiramente por Tfouni em 1988, foi ela a pioneira em apresentar um esforço por defini-lo. Tfouni (1988, *apud* KLEIMAN, 1995, p. 20) enfatizou que letramento são as consequências sociais e históricas da introdução da escrita em uma sociedade, as mudanças sociais e discursivas que ocorrem em uma sociedade quando ela se torna letrada.

É salutar diferenciar que, para Kleiman (2005, p. 16), “o letramento não é uma habilidade, embora envolva um conjunto de habilidades”, já Soares (2002), por sua vez, afirma que, na concepção de Leda Tfouni, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade, não ficando restrito ao âmbito do individual. Soares (2002, p. 144) é enfática quanto a concepção de letramento afirmando que “não há uma diversidade de conceitos sobre o letramento, mas sim, uma diversidade de ênfases na caracterização do fenômeno”. Para ela isto se justifica pela imprecisão na literatura educacional brasileira.

Ainda que apresentado sob diferentes prismas, o conceito de letramento é bastante discutido, principalmente com relação a quais práticas de letramento podem enquadrar-se nos modelos autônomo e/ou ideológico (PINHEIRO, 2018). Contudo, como vimos, as diferentes formas de letramentos sempre acompanharam o desenvolvimento das civilizações, antes mesmo do desenvolvimento da própria escrita. No entanto, vale notar que letramento é especificamente “o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento” (SOARES, 1998 *apud* Soares 2002, p. 145).

Assim, partindo desta apresentação do que seja o letramento, entendemos que o letramento, aqui qualificado como “digital” requer a participação dos indivíduos em grupos, porém, atendendo as demandas das práticas sociais, organizados de forma virtual. Ou seja, muda-se o pano de fundo, mas as formas de se organizar continuam as mesmas. Podemos verificar este aspecto na afirmação de Lima e Grande:

tais mudanças nos letramentos digitais ou novos letramentos não são simplesmente uma consequência de avanços tecnológicos. Elas estão relacionadas a uma nova mentalidade, que pode ser ou não exercida por meio de novas tecnologias digitais (LIMA; GRANDE, 2013, p. 42).

Note-se que, como o advento das TICs o novo alunado levou até a escola práticas de letramentos não valorizadas (ROJO, 2009 *apud* LIMA; GRANDE, 2013, p. 38 – grifos do autor). Independentemente de quão natural ou forçado foi este processo, ele quase que coage o



“novo professor” a se inteirar dos contextos, conhecimentos e tecnologias trazidos pelos alunos. Neste sentido, segundo Calvacante Jr. (2003, *apud* PINHEIRO 2018 – grifos do autor) a imersão nas tecnologias digitais faz surgir novas práticas promulgando estudos que dão origem a expressão “letramento digital”.

Por isto, concordamos com Freitas (2010, p. 338) quando afirma que “ser letrado digital inclui, além do conhecimento funcional sobre o uso da tecnologia possibilitada pelo computador, um conhecimento crítico desse uso”. A autora afirma ainda que “tornar-se digitalmente letrado significa aprender um novo tipo de discurso, e por vezes, assemelha-se até a aprender outra língua” (FREITAS, 2010, p. 338). Observamos que a apropriação do letramento digital inserida no contexto das pessoas nascidas a partir de 1990, conhecidos por “geração Y”, enaltece a era dos nativos digitais cuja facilidade é igualada tão naturalmente quanto aprender a andar e falar (XAVIER, 2011).

Ainda no contexto das discussões sobre letramento (ou letramentos), Street (2010) defende que precisamos falar em **letramentos digitais** (no plural), não compreendendo somente um tipo exclusivo de letramento. Da mesma forma Freitas (2010) sustenta que o letramento digital pode ser tratado a partir de diferentes focos.

No entanto, há ainda lacunas que pairam sobre este debate as quais necessariamente nos instigam. Estamos nós, professores, compreendendo os caminhos do letramento digital buscando formas de interagir e meios de persuasão com auxílio delas em nossas aulas?

Mesmo estando o Brasil no topo dos países que mais acessam a *internet*, o acesso da população às tecnologias digitais é inversamente proporcional ao desenvolvimento educacional da população, vindo ao encontro do que nos apresentou Pierre Lévy (1993) quando afirmou que, de certa forma as tecnologias são ferramentas que condicionam as nossas ações, mas que não as determinam (LÉVY, 1993).

Frente a isto, no que tange o letramento digital, entendemos que a afirmação de Angela Kleiman é a que melhor define nossas angústias nos processos formativos. A autora afirma que “quando se ensina uma criança, um jovem ou um adulto a ler e a escrever, esse aprendiz está conhecendo as práticas de letramento da sociedade; está “em processo” de letramento (KLEIMAN, 2005, p. 5).

Por isso nós partimos da compreensão de que as tecnologias fazem parte desse “em processo” estabelecido por Kleiman, uma vez que elas permeiam as nossas relações atuais de ensino. Do mesmo modo, nos embasamos na definição de Freitas (2010) quando a autora discorre que ser letrado digital inclui, além do conhecimento funcional sobre o uso da tecnologia, o conhecimento crítico desse mesmo uso.

Na sequência apresentamos discussões sobre a formação de professores e o letramento digital. Vejamos!

1.3. Formação de Professores e Letramento Digital

A formação de professores é um tema amplamente discutido pelos mais variados eixos na educação brasileira. Contudo, é necessário frisar o conceito ultrapassado de que “para dar aulas” e para ser um bom professor é suficiente dominar conhecimento e um pouco de oratória (MASETTO, 2018). Diante dessa afirmação, é salutar reconhecer a importância do

professor, no entanto, é necessário garantir que seja reconhecida também a relevância do uso de estratégias, técnicas, métodos e recursos que auxiliem professores e alunos no ensino superior (MASETTO, 2018). Talvez, esta busca por estratégias, seja um dos motivos que justifica o aumento significativo do número de docentes universitários que, nos últimos 50 anos, buscaram formação didática para conhecer e aplicar metodologias ativas⁷ durante suas aulas (MASETTO, 2018).

Neste sentido, buscamos avultar nosso trabalho quanto ao uso de estratégias no ensino superior com o objetivo de promover uma educação mútua entre professores e alunos com o uso das tecnologias. A este propósito Moran (2015, p. 18), retomando teóricos como Dewey (1950), Freire (2009), Rogers (1973) e Novack (1999), sublinha “a importância de superar a educação bancária, tradicional e focar a aprendizagem no aluno, envolvendo-o, motivando-o e dialogando com ele”.

Sob esta perspectiva o professor Moran defende ainda que os professores precisam “dar menos aula” e colocar o conteúdo fundamental na WEB, elaborando roteiros, incentivando os alunos a realizar a leitura do conteúdo antes das aulas para que assim, possam acontecer atividades mais ricas onde se misturam vídeos, ambientes virtuais e o espaço físico (MORAN, 2015). Na concepção de Moran (2015, p. 24) “o papel do professor é mais o de curador e de orientador”

alguns componentes são fundamentais para o sucesso da aprendizagem: a criação de desafios, atividades, jogos que realmente trazem as competências necessárias para cada etapa, que solicitam informações pertinentes, que oferecem recompensas estimulantes, que combinam percursos pessoais com participação significativa em grupos, que se inserem em plataformas adaptativas, que reconhecem cada aluno e ao mesmo tempo aprendem com a interação, tudo isso utilizando as tecnologias adequadas (MORAN, 2015, p. 18).

O grande desafio da atualidade é fazer com que professores se apropriem dos conteúdos e adaptem os seus modelos tradicionais de ensino com as ferramentas digitais, proporcionando maior interatividade e participação no processo de ensino e aprendizagem. O papel da formação do professor vai muito além da sua capacidade técnica ultrapassando os níveis de conhecimento para conhecer também formas de como ser letrado digitalmente influencia no seu modo de ser professor.

O que defendemos é, portanto, que a mera adoção de soluções educacionais que envolvam as TICs pode ainda não significar um verdadeiro letramento digital. Esse letramento passa, conforme mencionamos acima, pela adoção crítica e contextualizada das TICs e isto, inevitavelmente passa pela formação dos docentes. A substituição do giz pelas TICs não é suficiente para a sustentação de um modelo pedagógico que harmonize as TICs a uma completa reformulação dos papéis tanto dos docentes quanto dos discentes, como sustentado por Moran, citado acima.

As recentes tecnologias da informação que diariamente têm revolucionado os ambientes educacionais, por opção ou por força, como no atual cenário da pandemia decorrente da COVID-19, foram responsáveis pelo acesso facilitado à informação e, como tal,

⁷ São técnicas, métodos, recursos e estratégias que, pensadas como instrumentos adaptados aos diferentes objetivos de aprendizagem, provocam e incentivam a proatividade e a autonomia dos alunos perante sua formação (MASETTO, 2018, p. 149)

exigem a reinvenção dos “ensinantes” e dos “aprendentes”. Por isto, faz-se mister que os, outrora, detentores quase que exclusivos da informação, ora, se transformem em verdadeiros mediadores, os quais, para o cumprimento de suas tarefas precisam formar-se em vista do manuseio das TICs bem como da nova mentalidade que estas simbolizam.

CONCLUSÕES

Ao cabo desta apresentação sobre o letramento digital e a formação de professores, concluímos que a tecnologia sozinha não promove ou tampouco estimula mudanças urgentes no palco da educação. Contudo, acreditamos que elas podem (ou, talvez, devem) desencadear um processo reflexão que propicie e oportunize novos conhecimentos possíveis, amplificando as oportunidades de crescimento e avanço nos espaços de aprendizagem.

Ensejamos que os passos iniciais desta busca se expandam em nosso meio, seja motivado pela esperança, seja pelo desejo profundo em acreditar que é possível fazer uma educação melhor com o uso das tecnologias a partir da formação dos professores e, sem sermos imprudentes, temos a convicção de que o nosso passado como docente nos constrói, sem o qual não nos tornaríamos os professores que somos hoje, carregados de histórias, experiências e esperança.

Nossos questionamentos e provocações são, apesar de tudo, incitações sobre aquilo que julgamos pertinente para o momento vigente, marcado por profundas transformações comportamentais e experimentais, sem dúvidas acelerados pela crise gerada pela COVID-19 quando tudo passou a ser feito mediado pela tecnologia, defrontando-nos e confrontando-nos com experiências diversas, mais ou menos exitosas.

Com os recentes desafios deste movimento faz-se ainda mais urgente o encontro de resignificação dos modelos tradicionais da formação de professores. No entanto, é preciso ir além! É preciso abraçar as experiências em busca de soluções que possam ser aplicadas com vistas a melhoria do cenário da educação no contexto brasileiro, pois, caso contrário, como nos assegurou Moran,

poderemos ter melhores resultados, sem dúvida, e mesmo assim não estarmos preparados para este mundo que está exigindo pessoas e profissionais capazes de enfrentar escolhas complexas, situações diferentes, capazes de empreender, criar e conviver em cenários em rápida transformação (MORAN, 2015, p. 30).

Por fim, por acreditar na profunda ebulição do momento em que estamos mergulhados, entendemos que novas pesquisas precisarão ser realizadas para mensurar o impacto da COVID-19 nos meios educacionais com o uso “forçado” da tecnologia do dia para a noite e esperamos que elas, além de apresentar dados estatísticos também sejam capazes de problematizar e orientar futuras soluções na área educacional, especialmente no que concerna à formação dos professores.

REFERÊNCIAS

BUENO, José Lucas Pedreira; GOMES, Marco Antonio de Oliveira. Uma análise histórico-crítica da formação de professores com tecnologias de informação e comunicação. *Revista Cocar Belém*, vol 5, n.5 10, p. 53 – 64 jul – dez 2011.

FREITAS, Maria Teresa. Letramento digital e formação de professores. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 335-352, Dec. 2010.

KLEIMAN, Angela. (org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

_____. *Preciso “ensinar” o letramento?* MEC, Brasília, 2005.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIBÂNEO, J. C. Cultura, Jovem, Mídias e Escola: o que muda no trabalho nos professores? *Educativa*, v. 9, nº 1, 2006. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/73>. Acesso 26 mar. 2019.

LIMA, Mariana Batista de; GRANDE, Paula Bacarat. Diferentes formas de ser mulher na hipermídia. In: ROJO, Roxane (Org.). *Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Trilhas abertas na universidade**: inovação curricular, práticas pedagógicas e formação de professores. São Paulo: Summus, 2018.

MORAN, José. Mudando a Educação com Metodologias Ativas. In: *Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens*. Vol. II] Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf. Acesso em 13 jun. 2019.

MILL, Daniel. Educação virtual e virtualidade digital: trabalho pedagógico na educação a distância na Idade Mídia SOTO, U., MAYRINK, MF., and GREGOLIN, IV., (orgs.) *Linguagem, educação e virtualidade [online]*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 249 p.

PINHEIRO, Regina Cláudia. *Conceitos e modelos de letramento digital: o que escolas de ensino fundamental adotam? Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 18, n. 3, p. 603-622, set./dez. 2018.

STREET, BRIAN V. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G.T. (orgs.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura, Educação e Sociedade*, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

XAVIER, Antonio Carlos. Letramento digital: impactos das tecnologias na aprendizagem da Geração Y. *Calidoscópico* Vol. 9, n. 1, p. 13-14, jan/abr/2011 Unisinos.